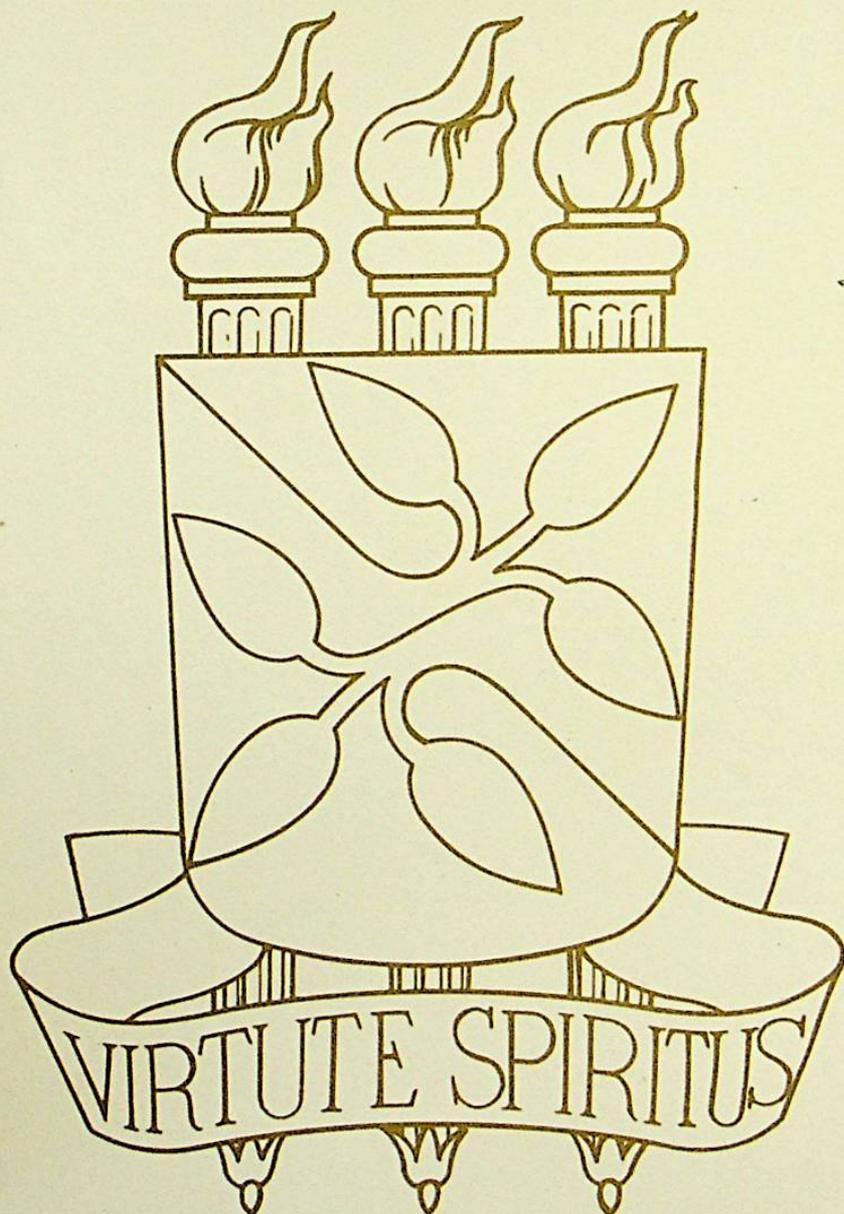


CARYBÊ

HÈCTOR JÚLIO PÁRIDE BERNABO
DOUTOR HONORIS CAUSA

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA



CARYBÊ

HÊCTOR JÚLIO PÁRIDE BERNABÔ

DOCTOR HONORIS CAUSA

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Discursos proferidos quando da conferência de Doutor Honoris Causa ao artista plástico Carybê, Hêctor Júlio Paride Bernabô, no dia 27 de julho de 1982, no Auditório do Palácio da Reitoria.

COLEÇÃO "HONORIS CAUSA"

NÚMERO 3

SALVADOR, BAHIA, 1982

ÍNDICE

Discursos proferidos quando da outorga do título Doutor *Honoris Causa* ao artista plástico Carybé - Héctor Júlio Páride Bernabó, no dia 27 de julho de 1982, no Salão Nobre do Palácio da Reitoria.

1 Discurso do Magnífico Rector Doutor Leon Peralta de la Cruz

ÍNDICE

- 1 Discurso de saudação do Prof. Carlos Eduardo da Rocha
- 2 Discurso de agradecimento do Doutor Héctor Júlio Páride Bernabó - Carybé
- 3 Discurso do Magnífico Reitor Doutor Luiz Fernando Macêdo Costa



Prof. Carlos Eduardo da Rocha, proferindo o discurso de
saudação ao Doutor Honoris Causa Carybé

DISCURSO

Professor Carlos Cavalcanti

Magnífico Reitor

Ilmos. Membros dos Conselhos Superiores

Ilmos. Srs. Professores

Minhas Senhoras e Meus Senhores

Exmo. Sr. Presidente da Comissão Organizadora do 1º Congresso Brasileiro de Arte Moderna, Sr. CARVALHO

1 DISCURSO DE SAUDAÇÃO

A Universidade Federal de Bahia, ao receber a V. Exa. o título de Doutor Honoris Causa, e ao reconhecer a importância com todas as existências registadas, do trabalho desenvolvido a proposta oriunda da Escola de Belas Artes, uma tradicional e notória instituição de cultura brasileira, e também mais antiga das unidades que integram a nossa Universidade, justamente aquela a quem não faltam a necessária autoridade para propor a um artista já consagrado e estimado no âmbito que faz jus, sobretudo por ter se comprometido com os mais importantes artistas de Bahia e do Brasil.

Na oportunidade das comemorações de comemorar um aniversário, mais do que merece nossa estima e nossa vitória entre nós e fazendeiros de Bahia e temática relevante de sua obra admirável, sua motivação maior, e consequente de sua importância plástica tão própria, tão pessoal, resplandecente, de

DISCURSO

Professor Carlos Eduardo

Magnífico Reitor

Ilmos. Membros dos Conselhos Superiores

Ilmos. Srs. Professores

Minhas Senhoras e Meus Senhores

Exmo. Sr. Doutor HÉCTOR JÚLIO PÁRIDE BERNABÓ,
dito CARYBÉ

A Universidade Federal da Bahia, ao conferir a V. Exa. o título de Doutor *Honoris Causa*, o faz naturalmente de acordo com todas as exigências regimentais, obedecendo e acolhendo a proposta oriunda da Escola de Belas Artes, essa tradicional centenária instituição da cultura baiana, a segunda mais antiga das unidades que integram a nossa Universidade, justamente aquela a quem não faltaria a necessária autoridade para propor a um artista já consagrado a concessão do título a que faz jus, sobretudo por ter-se transformado num dos mais importantes artistas da Bahia e do Brasil.

Na oportunidade feliz das comemorações do septuagésimo aniversário, mais da metade desses poucos anos vividos entre nós e fazendo da Bahia a temática constante de sua obra admirável, sua motivação maior, o componente de sua linguagem plástica tão própria, tão pessoal, resultado fantástico de

sua inventiva e recriação do tema eleito como se fosse o mito tantas vezes repetido e reinterpretado, tal se observa nesta declaração: "Desde então é constante uma carga, uma aura que a cidade com a sua luz, seu mar, sua gente, arquitetura, música e coisas que tem soma a meu ofício de pintor".

A despeito das estreitas ligações com a Escola de Belas Artes, mantidas com o calor da amizade que V. Exa. sabe cultivar como ninguém mais, alicerçada na admiração de seus antigos mestres Presciliano Silva, Alberto Valença, Mendonça Filho, na fraternidade cultivada ao longo de todos esses anos com Mário Cravo Júnior, com Mirabeau Sampaio, e mesmo comigo, um de seus primeiros amigos baianos, não foi por influência de nossa amizade, pois já não temos a honra de compor a Egrégia Congregação que lhe propôs a honraria acadêmica.

Os responsáveis por tão louvável iniciativa são os professores mais jovens, os atuais componentes daquele colegiado, que conta em seu seio com artistas dos mais importantes da nova geração.

A proposta do jovem diretor, professor Herbert Magalhães, recebeu a aprovação unânime da Congregação e do Conselho Superior de Coordenação.

Se V. Exa. não é o primeiro artista a receber o título de Doutor *Honoris Causa* da Universidade Federal da Bahia, porque também outro grande pintor, o saudoso Emiliano Di Cavalcanti, durante as comemorações do Cinquentenário da Semana de Arte Moderna, recebeu a honraria por ser ele, na oportunidade, o mais destacado remanescente do Movimento de 22.

Mas, V. Exa. é o primeiro a recebê-lo como um artista da Bahia, e esse reconhecimento não é feito somente pela Universidade, com a legítima autoridade de representar em termos de cultura a comunidade da Bahia, mas a própria Bahia, pelas camadas mais expressivas de seu povo, em aplausos constantes, em admiração, afeto sincero, refletidos na imensa popularidade de seu nome.

A partir de 1950, quando chegou à Bahia para residir

definitivamente, Carybé participa, compartilha, celebra sua fabulosa vivência baiana, que vai desde sua atuação cultural como artista, até as manifestações mais curiosas de sua autêntica baianidade.

Exímio tocador de berimbau, freqüentador da Rampa do Mercado, da antiga feira de Água de Meninos, panderista, cantor de samba de roda, ofertante dos presentes de Iemanjá na festa de *2 de fevereiro*, devotado consumidor da comida baiana, sagrada e profana, às vezes regada com muitas misturas populares da cachaça, não apenas as batidas já sofisticadas, mas as de infusões de milhomes, de catuaba e até de rabo de cobra, sem deixar de cumprir o preceito, derramando no chão a parte do Santo.

De tantas dessas façanhas fui testemunha, por ser presente e até mesmo companheiro, ou melhor camarada, nas incursões pelos terreiros, nas capoeiras de mestre Waldemar e Traíra, ouvindo e aprendendo com Cabelo Bom os toques de Cavalaria, São Bento Grande e São Bento Pequeno com que fomos largamente aplaudidos no Recife, num verdadeiro concerto do estranho instrumento, naquele tempo muito pouco divulgado, surpreendendo os pernambucanos o trio de tocadores, Carybé, Mário Cravo e o modesto orador que vos fala.

Em meu arquivo, está documentada em recorte do Diário de Notícias a mais antiga aparição pública de Carybé na Bahia, participando de mesa-redonda sobre as artes plásticas, realizada na Rádio Sociedade da Bahia em 1950 e, segundo a notícia, reunindo os nomes mais destacados no cenário artístico local, além de convidados especiais como o então Secretário da Educação, Dr. Dorival Passos, deputados, estudiosos e público seleta, para debaterem assuntos ligados às artes plásticas na cidade do Salvador.

Não por coincidência, o primeiro orador a expor os problemas das artes foi o Prof. Mendonça Filho, diretor da Escola de Belas Artes e pintor de renome em nosso meio, que analisou a situação do ensino das artes e sobretudo as dificuldades e deficiências com que conta (*data venia*, Magnífico Reitor Macêdo Costa, esse mal é bem antigo).

O professor José Valadares, crítico de arte, professor da Faculdade de Filosofia e diretor do Museu do Estado, relatando as atividades do estabelecimento que dirige para mostrar a orientação que se vem seguindo ali no incremento às atividades artísticas, principalmente na preservação de nosso rico patrimônio de artes plásticas.

Falou em seguida o escultor Mário Cravo, que ressaltou os recursos da Bahia, notadamente em seu folclore, para a criação artística. (Era a fase impactuante dos seus eixus, tocadores de berimbau, capoeiristas e até mesmo a decantada imagem de Antônio Conselheiro, geradora de polêmicas e conseqüências outras quanto à sua colocação em Praça Pública. Era o grande artista nacional sofrendo as influências da arte popular da Bahia, de tanta força e expressão).

Coube ao arquiteto Diógenes Rebouças destacar aspectos da arquitetura moderna na Bahia. Era o grande mestre da Escola de Belas Artes, com sua autoridade de vitorioso profissional, com os projetos do Hotel da Bahia, do Centro Educacional Carneiro Ribeiro e tantas obras já consagradas na época.

O escritor e poeta Carlos Eduardo da Rocha (perdão pela referência pessoal, mas é a prova do meu aludido testemunho na saga de Carybé) tratou do desenvolvimento das atividades artísticas. O pintor e ilustrador Carybé deu também seu depoimento, ressaltando as riquezas de motivos que apresenta a Bahia.

Como se vê, meu caro Carybé, já me permito agora o tratamento, cumpridas as formalidades protocolares. Éramos quase todos os participantes daquele ato já tão distante no tempo, do corpo docente da Escola de Belas Artes, entre os quais o pintor e ilustrador Carybé, que dava seu valioso depoimento.

In Estudos da Arte Brasileira, José Valadares registra em 1951: "Carybé - Coleção Recôncavo - Coleção de notabilíssimos desenhos a cerca de costumes e arte popular na Bahia atual, distribuído por assuntos em 10 álbuns de excelente gosto tipográfico. Pequenas instruções ao tema por Wilson Rocha, Odorico Tavares, o próprio Carybé, Vasconcelos Maia, Carlos

Eduardo da Rocha, José Pedreira e Pierre Verger.”

No álbum a Pesca do Xaréu, apêndice com traços biográficos do artista.

Essa coleção, que marcou de modo notável as publicações de Carybé na Bahia, iniciadas com tanto interesse, não é absolutamente obra de ilustrador, como o chamava o jornal anteriormente citado, mas, na verdade, pura e original criação do grande desenhista, sobre a qual nós os escritores baianos escrevêramos nossos textos e, aquele que me coube, pela primeira vez, ressaltava a obra de Carybé: “Com olhos de um constante amoroso da Bahia e o seu maravilhoso traço simplificado, em tão poucas linhas fixou o imenso quadro de vida, formas e beleza que é a Rampa do Mercado”.

Nesse mesmo ano, 1951, ainda José Valadares registra: Odorico Tavares - Imagens da Terra e do Povo, Rio, José Olímpio, 291 páginas, ilustrado por Carybé, segunda edição, Editora Civilização Brasileira, aumentada em nove capítulos com ilustrações de Carybé; recebeu o prêmio da Bienal do Livro, e estou certo que aquilo que mais influenciou para o destaque da edição foi na verdade a ilustração de Carybé, na plenitude de sua sensibilidade para com as Imagens da Terra e do Povo da Bahia.

Como bolsista da Secretaria da Educação do Estado da Bahia, então sob os auspícios do sempre lembrado Anísio Teixeira, Carybé realizou, em uma das escolas do Centro Educacional Carneiro Ribeiro, um mural, iniciando assim a sua continuada atuação de muralista, como um pioneiro que foi do gênero entre nós.

Dentre as muitas realizações do pintor e desenhista Carybé, na Bahia, a que pode ser considerada como das mais importantes é a coleção dos desenhos sobre temas folclóricos e principais festas populares da cidade do Salvador, que ele executou para o Museu do Estado, e que fez parte de sua exposição de janeiro de 1951, sob o patrocínio da Secretaria da Educação.

No ano anterior, participou do I Salão Baiano de Belas Artes, acontecimento marcante para a cultura e a história da

arte na Bahia, pelo sucesso alcançado com a presença dos artistas mais importantes do país, pela premiação e ainda pelas discussões polêmicas em torno da mesma, principalmente o primeiro prêmio, as *Portas*, de Lothar Charroux.

A partir da inauguração da Galeria Oxumaré, nesse mesmo ano de 1951, para o que Carybé além da colaboração excepcional, não só como incentivador e criador do logotipo, que foi considerado um achado de síntese formal e talvez a sua primeira recriação de signo do candomblé, onde em poucos traços fixou todos os elementos - o Arco-íris, as duas figuras humanas, a serpente -, o artista tem participado, também, numa demonstração de camaradagem habitual, até como pintor de paredes, pois dele foi a criação do *display* revestido de sacos de aniagem e caiados pelo próprio Carybé.

Foi por muito tempo, numa época de positiva repulsa do mercado de arte moderna, o principal artista do acervo, o primeiro a receber a preferência do público amador, e se eu, o diretor da Galeria, tivesse guardado seus numerosos desenhos, as aguadas e pinturas e desenhos e gravuras com a temática constante de Carybé, as filhas-de-santo, os cavalos, os vaqueiros, e mantido a duras penas aquela *merchandise* insipiente, estaria agora muito mais rico do que o glorioso e consagrado artista.

Anotar e mesmo relacionar o *Curriculum Vitae* de Carybé nesses últimos trinta anos de sua intensa atividade, na Bahia, no Brasil e no estrangeiro, seria alongar demasiadamente este discurso de saudação.

Seria também um trabalho inútil, porque demasiadamente conhecido e divulgado em tantos livros de texto, de referências e publicações outras, mas ainda incompleto pela versatili-
dade do artista, que, dominando quase todas as técnicas e gêneros de arte, durante esses gloriosos 70 anos, tem sido incansável e bravo.

Na apresentação que ele mesmo escreveu, da sala especial com que foi homenageado na Primeira Bienal de Artes Plásticas da Bahia, declarou, com muita propriedade: "Tenho quarenta anos de ofício, durante os quais estudei e trabalhei em

quase todas as técnicas conhecidas, da encáustica a fogo à cerâmica, do óleo às resinas sintéticas. Tratei de familiarizar-me com todos os materiais possíveis, para adquirir mais volume de conhecimento técnico que me permitisse uma maior escala de soluções aos problemas plásticos que surgissem”.

A Bahia é um testemunho permanente dessa verdade, porque guarda uma vasta exposição da obra de Carybé, espalhada nos murais, painéis de variadas técnicas, têmpera de ovo, óleo, pastilhas, cerâmica e ferro, distribuída pelos edifícios públicos e particulares, nas coleções, nas publicações próprias dos seus álbuns e portfólios de desenhos e gravuras, além das ilustrações que tanto acrescentam às obras de escritores da Bahia, do Brasil e da América do Sul.

Entre os trabalhos-murais que realizou no Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador, Buenos Aires, Montreal, e New York, como diz Roberto Pontual, merece destaque o do aeroporto internacional de New York.

Na ilustração de obras literárias, vale lembrar a de Macunaíma, de Mário de Andrade, para os cem bibliófilos do Brasil, as de Jorge Amado, e as capas de tantos livros para editores brasileiros e até sul-americanos, como as obras de García Marques, Vargas Lhosa e de tantos livros publicados na Bahia.

Entre os livros e álbuns de sua autoria, este último e esplêndido por todos os sentidos, *Iconografia dos Deuses Africanos no Candomblé da Bahia*.

Façonha incrível e admirável de Carybé é a realização dos grandes relevos em madeira dos Orixás do Banco da Bahia Investimentos, hoje depositados no Museu Afro-Brasileiro, obra principal do acervo.

Vale a lembrança de que Carybé realizou sua primeira exposição individual em Buenos Aires, no Museu Municipal de Belas Artes, em 1940, apresentando desenhos e aquarelas sobre motivos brasileiros, como que antecipando em sentimentos o futuro brasileiro naturalizado e também o cidadão baiano, por lei e merecimento.

Como diz Jorge Amado: “Muitos são os baianos nascidos

noutras terras que nos têm trazido a contribuição do seu trabalho criador.”

Roberto Pontual, entre outras exposições individuais de Carybé, destaca as que realizou no Instituto dos Arquitetos do Brasil, no Rio, em 1945, na Galeria Oxumaré, Salvador, em 1954 e 1965, na Bonino, Rio, 1963 e 1965, e na Astréia, São Paulo, em 1966.

Carybé tem figurado em inúmeras mostras coletivas e no Brasil, como nos salões oficiais da Bahia, Pernambuco, Rio Grande do Sul. Participou das I, II, III, VI e VII Bienais de São Paulo, de 1951 a 1965, e conquistou o prêmio do melhor desenhista nacional em 1965, e a Sala Especial da I Bienal Nacional de Artes Plásticas da Bahia.

Fez parte ainda de exposições internacionais, como a Bienal de Veneza, 1956, Exposição Interamericana de Seattle, nos Estados Unidos, em 1959, Artistas da Bahia em Madrid, 1966, e exposições em Londres e Portugal.

Com acentuada vocação literária, que me agrada sobretudo destacar, Carybé é autor de muitos textos, reportagens e crônicas espalhadas pelo mundo, despertando o maior interesse, pelo estilo original, misto de jornalismo e crônica literária, documentário e ficção e principalmente muita imaginação e fantasia.

Quando não escreve sobre assuntos fabulosos e acontecimentos inusitados, reais como jogo de capoeira, candomblés, briga de galos, segue inventando estórias e coisas que formam as suas já decantadas mentiras, comuns aos grandes viajantes, como Marco Polo de II Milione (de mentiras) ou de Fernão Mendes Pinto, também conhecido como Fernão, mentes, minto.

As de Carybé não são da China nem da Ásia ou da África, mas de toda a América, da Terra do Fogo ao Planalto Andino, de todas as fronteiras da América do Sul e das tribos indígenas que ele frequentou, acredite quem quiser.

Nessas narrativas fantásticas e aventuras mirabolantes não dispensa muitas vezes a participação dos amigos, como no caso de Jener Augusto, no depoimento escrito com ares da maior seriedade para o livro de Roberto Pontual, “Jener

Augusto, *A Arte Moderna na Bahia*’, onde afirma: “Eu sentava praça na volante do então Tenente Zé Lucena, Zé Lucena (o Tenente Zé Lucena já pedia a demissão/tá com medo do Galope/do rifle de Lampião)”. Ou então, quando diz: “Devo esclarecer que apareça em Buenos Aires graças ao conjunto de José de Barros e devido ter pedido baixa da volante depois do combate de Jeremoabo, do qual saí com um ferimento no glúteo, cujo tamanho impulso só me fez arrepiar carreira e parar no lado de lá do Rio da Prata”.

Troquei a linha de tiro pela linha do desenho e comecei a pintar enormes letreiros de propaganda da Wilys Overland e da Essolube. Jener, cansado também das abusões de seu neném, deixou a costura pela execução de letreiros anunciadores de filmes de cowboys.

Ele mesmo pintava as tabuletas de homem-sanduiche e saía gritando por todo o Largato, impressado entre os letreiros: “Hoje, filme do faroeste, murro por peste na costela do bandido.”

Merece citação especial a mais fantástica mentira de Carybé, aquela do soldado de um povoado longínquo da América do Sul, que, tendo perdido a espada, símbolo maior de sua autoridade, para não ficar desarmado, pintou ao longo da perna da calça uma enorme, ameaçadora e até sangüinolenta espada colorida.

Mesmo escrevendo assuntos sérios, como o texto do bellissimo volume sobre Pancetti, edição do Banco da Bahia Investimentos, o faz com a desenvoltura de sempre, a seu modo, no estilo inconfundível: “O pintor José Pancetti por Carybé-... Vida dura, vencida palmo a palmo por este extraordinário homem, que anos depois ganhou a faculdade de transformar mulheres do comum em musas.”

Musas brasileiras, que muitas vezes, sem o saber, acendiam suas cores, e seu estro poético. Musas coadjuvantes de certos quadros tatuados nas costas com nomes circundando corações, ou com um nome e uma estrela, uma âncora para Elza de Mangaratiba, com sol Syrieraia da Bahia. Coisas de marinheiro. Por mares e montes do Brasil plantou seu cavale-

te. Poitas, tuberculose, Campos de Jordão, igrejas, favelas, São João Del Rey, canoas, Angra dos Reis, Marina, marinha, Porto Seguro, musa, Bahia, manga rosa, luz.

Luminosidade que o obrigou a alterar os valores de sua paleta, com a qual pelejou quase dois anos, luz alegre, luz aberta. Ficara de bem. Mais à vontade, musas a granel e definitivos, novos amigos.

Da melancolia de sua obra anterior, na Bahia, só restou um leve vestígio, um quase perfume, uma saudade da vida. Aqui o trabalho é feliz, fluente; praias, rochedos, mamões, pessoas, lavadeiras do Caymmi, mulatas de ouro, cabras e coqueiros de Itapuã, vinho bom, luares e sonetos. Vento e viola.

Mas, uma doença terrível, sem pressa, lhe apareceu. Pelejou com as sombras, como pelejara com a luz. Só que não ficaram de bem.

Na abertura que escreve para *ICONOGRAFIA DOS DEUSES AFRICANOS NO CANDOMBLÊ DA BAHIA*, começa assim: "Este documentário começou há trinta anos, em 1950, graças ao Rubem Braga, que me apresentou ao Anísio Teixeira, que me apresentou ao Dr. Otávio Mangabeira, que me contrataram para desenhar a Bahia. Aí começou.

"Mas, sempre há um mas, o gosto da Bahia, como vinho, vinha-se sazoadando dentro de mim há doze anos, desde o primeiro encontro, em 1938, ano em que fui definitivamente tarrafeado por sua luz, sua gente, seu mar e sua terra.

"Pois é, começou com grandes viagens de bonde, Cabula, Rio Vermelho, Liberdade, Bom Gosto, Federação... viagens que eram audiovisuais vivos, janelas, quintais, cacimbas ou barrocas de terra rude, onde a vida corria a pleno sol ou à luz dos fifós e da lua. O céu vestido de arraias de dia e de noite de foguetes anunciando a chegada dos orixás.

"Na linha do Rio Vermelho de Baixo, no último bonde, Bonde dos Namorados, ouviam-se cantares para Ogum ou para Iemanjá, na voz bonita e possante de Luís da Muriçoca, naquele tempo motorista da Light, o baticum dos atabaques de Cotinha de Oxumaré ou o som discreto do Adjá de Tia Massi,

no alto da escadinha da Casa Branca.

“Em São Gonçalo passavam as boiadas para o Retiro, e o contraponto de cantigas sagradas, mugir de bois e aboios de vaqueiros enchem o oco da noite para Oxossi dançar”.

Admirável página de síntese e de nostalgia, para uma Bahia que ficou perdida há mais de trinta anos, para ele e para todos nós, desgraçadamente.

Jorge Amado, no texto que escreveu para a “Iconografia dos Deuses Africanos no Candomblé da Bahia”, sob o título “Obra Maior”, diz: “Livro de rara beleza, é ao mesmo tempo documentário completo, de extrema precisão, sobre candomblé. Longa e profunda pesquisa, extraordinária recriação artística, sua existência significa a preservação de aspectos dos mais representativos da memória do povo baiano, do povo brasileiro. Obra fundamental, concebida e realizada no decorrer de trinta anos por Carybé. Obra de uma vida”.

Clarival Valadares afirmou em 1966 ter ele criado “um desenho de tipos e costumes, reconhecido hoje como a interpretação mais próxima das sutilezas e implicações culturais”.

E a propósito da linguagem da pintura de Carybé, Joaquim Cardoso escreveu: “Nela, entretanto, presenciamos uma elaboração, um processo, sofrida transformação de um artista exigente e grave na sua errância e transmutação”.

Por isso tudo e por muito mais ainda, meu caríssimo Carybé, tornas-te agora pela tão louvada decisão da Universidade Federal da Bahia um Doutor, com muita honra e justiça. E, em seu nome, nós te saudamos.



Carybé - Doutor *Honoris Causa*

2 DISCURSO DE AGRADECIMENTO

DISCURSO

Carybé

Aqui estou neste difícil empenho que os amigos me impuseram, de virar Doutor *Honoris Causa*.

Cá pra mim, não merecia este capelo nem a beca que visto, pois o que fiz e venho fazendo é ajudar a carregar o andor das artes, que é obrigação de poetas, artistas, escribas, músicos, atores e bailarinos, desde os idos de 1549.

Quando estas terras eram dos Tupinambás, fazia-se arte com as penas dos beija-flores, tucanos e toda sorte de pássaros, ou se pintava em vermelho e preto sobre a carne dourada das cunhãs.

Pássaros, genipapo e urucum eram as matérias-primas com que os índios se embelezavam.

Creio que ninguém sabe o nome primeiro, verdadeiro, tupinambá, do recôncavo, antes que Américo Vespúcio o batizara de Baía de Todos os Santos, marcando, assim, a chegada dos invasores. Nós.

Era a primeira expedição européia a atravessar a linha equatorial em águas do Novo Mundo e, a 27 de junho de 1499, os nautas pisaram terras brasileiras, na altura do cabo de São Roque.

Que encontrou Américo nestas terras? Índios supostamente antropófagos, vegetação belíssima, frutas estupendas, mas, o que mais o maravilhou foram os papagaios, as araras,

“grandes como galos”, as jandaias e periquitos, e é por essa impressão colorida que as terras do Brasil, no planisfério de Waldessmuller, aparecem com o nome de “Brasilia Sive Terra Papagalli”.

Quatro séculos depois, Walt Disney vem ao Brasil e o vê pelo mesmo prisma, cria Zé Carioca.

Por esse motivo, o de valorizar a beleza dos papagaios e não as toneladas de pau-brasil que se poderiam embarcar, é que, pessoalmente, não creio que um homem como Américo Vespúcio, geógrafo, astrônomo, indagador de estrelas, planetas e caminhos celestes, homem que pertencia à casa de Lorenzo de Medici, amigo de Sandro Boticelli, fosse tão insensível de ir batizando o que descobria pela imposição mecânica do calendário. Se assim fosse, um só dia de atraso e estaríamos na Bahia de Finados. Não dá!!

Em Florença, morava com sua família no bairro de Todos os Santos *di Tutti i Santi* e sua irmã Simonetta posou para Sandro Boticelli em “A Primavera” e o “Nascimento de Vênus”.

Minha opinião é que, ao ver alguma índia de ouro na proa de uma canoa, contra o azul esplendoroso da pele do mar, lembrou-se do “Nascimento de Vênus”, de Florença, de casa, da irmã querida, do amigo Sandro, de seu bairro e, com toda a naturalidade, batizou nosso recôncavo de *Baía di Ongni Santi*, ou seja, de Todos os Santos.

Depois, chegou a nado Diogo Álvares Correa, o Caramuru, que, por causa de um tiro de mosquete, conseguiu a sua Catarina e o beneplácito do cacique seu pai - dela.

Ficou Diogo mariscando pela praia da Mariquita e pelo Morro do Conselho, e vendia o pau-brasil, que os índios juntavam, a franceses, portugueses ou espanhóis, até que em 1549 chegaram seis naus comandadas por Tomé de Sousa, que trazia a incumbência de fundar a cidade do Salvador.

Dentro das naus vinham degredados, almoxarifes, soldados, clérigos, mestres nas artes da construção, licenciados, ferreiros, escultores, pintores, algumas vaquinhas, uns cavalos, poucos, e o próprio Tomé de Sousa.

Com a ajuda dos índios de Caramuru, juntando forças,

construiu-se a cidade no mutirão. Primeiro casas, depois fortificações, armazéns, palácios, igrejas e é então que se constituem os andores.

Cada grêmio com seu Orago. Os militares, com Santo Antônio, que logo ganha patente e soldo de capitão; os médicos são dos mabaças Cosme e Damião, que já já virarão ibêjis, e os licenciados e bacharéis, com Santo Ivo.

Mas, o andar das artes, o de São Lucas e Santa Cecília, é o mais divertido. Há escultores, douradores, alquimistas, poetas, músicos, contadores de histórias, entalhadores, ourives, arquitetos, santeiros, gente do baile e pintores. Uma multidão que se vem revezando há quatro séculos sem deixar a peteca cair.

Há notícias de alguns dos primeiros portadores do andar, dos que vieram com Tomé de Sousa, como Luiz Dias, arquiteto, mestre-de-obra da fortaleza da Bahia e mestre geral das obras da cidade do Salvador; Belchior Gonçalves, que empreitou as muralhas da cidade; Antônio Gonçalves, artista carpinteiro; Francisco Nicolas, que era mestre dos carpinteiros da Ribeira, e Lopo Machado, que veio com Duarte da Costa para substituir Luiz Dias no comando das obras da cidade. Alguns mais, conhecidos, e muitíssimos anônimos.

O Século XVII traz, como figuras de proa, dois grandes: um é o escultor Frei Agostinho da Piedade e o outro, o poeta, Gregório de Matos, o Boca do Inferno, que ferrou a cidade com dois efes que ainda reinam por aqui.

Não sendo, o poeta, muito de carregar andores, com suas pastoras, foi o galhardo porta-estandarte do cortejo. Negras, mulatas e brancas também dançavam, ao som de sua violinha de cabaça, fandangos e lundus cheios de denço e outras baianices mais.

Os negros já estavam na terra com seus orixás, voduns e inkíssis para protegê-los. Em 1624, quando os holandeses conquistaram a Bahia, encontraram no porto seis navios vindos de Angola, com 1440 escravos, e uma goleta com 28, vinda de Guiné.

Os escravos negros não eram tão fujões como os índios, pois não conheciam a terra. Aos poucos, todo o trabalho rude

lhes foi confiado, dedicando-se os brancos a ordenar, dirigir e empurrar a rede com o dedão do pé.

Os negros deram ritmo e compasso ao trabalho. O arremesso de tijolos, o serrar de troncos para tirar tábuas, o corte da cana, o movimento dos remos, o puxar de uma rede se fizeram cantando. Um puxava a cantiga e os outros respondiam em coro, dando ao trabalho um ritmo de dança, que deu no que hoje se chama de expressão corporal, e que custa tão caro.

Enquanto isso, as mucamas, as negas Fulô penetravam no âmago da vida da Casa Grande, na intimidade das iaiás e dos ioiôs. Babás leitudas criavam filhos de senhores, negras, que cozinham diferente e gostoso, inventavam pratos, e as índias teciam redes e preparavam deliciosos mingaus de tapioca, faziam beijus, bolos de aipim, de carimã e infernais maniçobas.

Assim, as raças foram-se baralhando entre alcovas, senzalas, redes, esteiras e nos vastos canaviais. Comendo amalá e beiju, fios-d'ovos e cocadas, pirões e moquecas douradas, num bem-bom que atravessa séculos.

E por falar em séculos, o XVIII chegou com grandes nomes na escultura, na pintura e na ouriversaria. O mais importante é, sem dúvida, Francisco das Chagas, O Cabra, que executou para o Convento do Carmo um Senhor Crucificado de oito palmos, com olhos de vidro e unhas de marfim, um Senhor da Pedra Fria, um Senhor Morto e o Cristo da Coluna, esculturas estas que foram encarnadas por Antônio Cruz.

José Teófilo de Jesus, mulato forro e grande pintor, entre tantas obras, executou para a capela do Santíssimo Sacramento, na Sé, quatro painéis, dos quais dois se encontram no Museu de Arte Sacra.

Na ouriversaria, temos João da Costa Campos, cuja obra mais importante é a urna e o frontal de prata, do altar do Santíssimo Sacramento da Igreja da Sé, hoje na Igreja de Santa Teresa; Manuel da Silva Leão, que executou para a Santa Casa uma boceta de prata e um grande lampadário do mesmo metal, para a capela-mor da Igreja da Misericórdia; Antônio Rodrigues Braga, que dourou a pão de ouro a capela

dos santos, Crispim e Crispiniano, na Sé, e o pintor Matias Pereira Araújo, filho do português João Gomes Araújo e Joana de Jesus, baiana, tetravô de Emanuel Araújo.

O andor das artes, avançando no tempo, sempre erguido pelos ombros, robustos ou não, de cantores, pintores, escrevedores, alquimistas, escultores e músicos, entra no Século XIX com o pé direito.

Franco Velasco pinta o magnífico retrato de Dom Pedro I em sua viagem à Bahia, e implanta o nu artístico na Aula de Desenho da Província.

E vem Castro Alves, com todas as musas e o esvoaçar de condores, para dar força a seu cantar libertário.

Os africanos Iyá Nassô, Babá Aficá e Iyá Detá fundam o Candomblé Ilê Iyá Nassô, hoje Casa Branca, e o poeta Luiz Gama, escravo forro, escreve poesia inflamada, abolicionista. Sua mãe, Luíza Minaim, malê, é revolucionária participante. Cañizares e um grupo de artistas fundam a Escola de Belas Artes.

No jogo da capoeira, Pantalona, Zé Doué e Cazumbá (que virava pé-de-mato quando a polícia o encurralava) gingavam pela cidade afora.

Maria Júlia Figueiredo, Omonikê, funda o Gantois e Mestre Vicente, um dos últimos santeiros, interrompe a tatuagem no braço de um belíssimo escudo do Império, por culpa de Deodoro da Fonseca.

E já estamos em nosso Século XX, em cujo início, Eugênia Ana dos Santos, Mãe Aninha, funda o Axé de Opô Afonjá. Em Feira de Santana, Godofredo Filho, nosso Godô, verseja; Caymmi futuca em seu violão e nas morenas de Itapuã; Jorge Amado escreve, e José Guimarães volta da Europa, faz uma exposição e é malhado pelo público. Mestre Bimba, Bráulio, Traíra, Pastinha, Caiçara e Curió fazem rodas de capoeira em feira de Água de Meninos, no Ferrão ou debaixo das jaqueiras da Mata Escura.

Preciliano, Mendonça e Valença pintam a Bahia por dentro e por fora.

Jorge Amado já atravessou fronteiras. Jubiabá e Guma

passeiam pela Rive Gauche no sovaco de uma estudante da Sorbone.

Mário Cravo chega dos Estados Unidos que nem um furacão, instala-se no Porto da Barra e aí acontece um fato curioso. Começam a chegar artistas de todas as partes: Jenner, de Sergipe; Poty, do Paraná; Hansen, de Hamburgo; Lênio, de São Paulo; Udo, da Prússia; Pancetti, do Rio; Dick Menocal, dos Estados Unidos; eu, por artes mágicas de Rubem Braga e Anísio Teixeira, de Buenos Aires; e de São Paulo, Marcelo Grassman, Henrique Oswald, Rubem Martins e outros.

Da terra, estavam Carlos Bastos, Mirabeau, Rubem Valentin e Genaro.

O atelier do Mário, de portas escancaradas, acolheu a todos. Lá havia material, prensas, barro, madeira, amizade. Papo e alegria. A força de trabalho do Mário aglutinou a todos, sua impetuosidade contagiava e trabalhava-se com entusiasmo. Em seu atelier fizeram-se grandes escultores, o Agnaldo dos Santos, que viera de Itaparica para desbastar troncos de peroba a machado, Raimundo Oliveira e Maria Célia.

Alguns arquitetos amigos: Bina Fonyat, Paulo Antunes, Diógenes e Antônio Rebouças, Levi Smarcevsky e outros propõem esculturas e painéis em seus projetos e assim se forma um movimento natural, sem manifestos, sem grupos, sem invejas. Estado ideal, talvez devido à falta de críticos de arte na terra, porque José Valladares era o maior entusiasta do que se vinha fazendo.

Ao pé da escada do sobrado onde Pierre Fatumbi Verger morava, no Areal de Cima, Mestre Vicente continuava com sua banquinha de santeiro, sempre com camisas de mangas compridas, devido à tatuagem inconclusa do escudo do Império. Ele, mestre Simões, Miúdo, mestre Aloísio, Herculano e Gabriel fecharam o ciclo do ofício de santeiro, o que prova que nem só as baleias e o peixe-boi estão em extinção.

O andar das artes continua triunfal ao som dos afoxés, trios elétricos, quartetos de corda e de sopro. Tudo misturado. Cuícas, oboés, e reco-recos.

Lá vem Olga de Alaketu, abrindo espaços com sua Iansã,

Miguel Santana tira orikís, e Gal Costa, de estandarte de ouro, puxa a banda dos fuzileiros navais de uniforme grená. Tocam dora, clarins muitos, foguetões e luzes de bengala. (Tem gente rebolando demais pela aí). Tiros de roqueira, girândolas, bombas, bâmbulas. (Continuam rebolando?). São os dois efes com que Gregório de Matos nos ferrou.

Caymmi, Caetano, Bethânia e Gil cantam. Cantam muito. Cantam bem.

Bugalho e Camafeu no berimbau, bombas, rodas de fogo, espadas. Os atabaques por conta de Cipriano, Paizinho e Berro Grosso. Fogos de artifício. Menininha sorrindo - Ora iê iêo! Foguetório no céu e no chão, sustentando o andor: Sônia Castro, Juarez Paraíso, Riolau Coutinho, Chico Liberato, Sante, Calá, Fernando Coelho. Duas ou três gerações. Ekem-berg, Mariozinho, Ramiro.

Floriano Teixeira, de índio, e eu de beca.



O professor Macêdo Costa entrega o título ao artista Carybé

DISCURSO

Belar Patrícia de Fátima
Mestre em Letras

3

DISCURSO DO MAGNÍFICO REITOR

do na 1ª edição de 1978, a 2ª edição de 1984 e a 3ª edição de 1990. Segundo a Afrânio Constantino, Emery e outros, a obra é considerada uma categoria autônoma e um gênero que se desenvolveu no Brasil de 1960. A obra de Emery e outros é considerada uma simples referência teórica e não um trabalho científico para a obtenção do título e o valor que deve ser atribuído à obra certa.

No curso de sua transição, a proposta de emenda foi aprovada sucessivamente, pela Congregação de Letras de Belo Horizonte e pela Comissão Universitária de Letras de Belo Horizonte. Emery e outros, a obra é considerada uma simples referência teórica e não um trabalho científico para a obtenção do título e o valor que deve ser atribuído à obra certa.

1. A Crítica - dentro de uma perspectiva crítica

DISCURSO

Reitor Doutor Luiz Fernando
Macêdo Costa

Este é o terceiro título de *Doutor Honoris Causa* concedido na presente gestão: o primeiro coube a Jorge Amado e o segundo a Afrânio Coutinho. Este é, ademais, o primeiro título dessa categoria outorgado a um artista plástico por proposição da Escola de Belas Artes da nossa Universidade. Essas simples referências ressaltam o rigor dos critérios adotados para a outorga do título e o valor que deve ser atribuído à láurea conferida.

No curso de sua tramitação, a proposta de concessão foi apreciada, sucessivamente, pela Congregação da Escola de Belas Artes e pelo Conselho Universitário. De ambos os colegiados mereceu aprovação unânime. Portanto, a Universidade identificou, na atividade profissional do homenageado, méritos excepcionais. Esses, aliás, foram destacados pelo ilustre Prof. Carlos Eduardo da Rocha, na saudação proferida em nome da Congregação da unidade proponente. Ao judicioso pronunciamento aduzirei três breves comentários, com a intenção de valorizar ainda mais a obra do artista.

1) *A Criatividade* - dentro de uma sistematização episte-

mológica, as artes podem ser distribuídas em duas grandes vertentes, segundo a sua expressão no tempo e no espaço; distinguem-se, assim, as artes temporais e as artes espaciais. As primeiras - as *artes temporais* - são aquelas que utilizam como elemento de expressão o movimento, o som, a ação; têm a transitoriedade da sua "performance", isto é, existem enquanto estão sendo executadas. A dança e a música exemplificam esse primeiro grupo.

As outras - as *artes espaciais* - usam como elemento de expressão o traço, o contorno, a forma, a textura, a cor; têm a permanência da durabilidade do material que compõe o objeto de arte. A pintura e a escultura ilustram essa segunda vertente. A obra de Carybé situa-se somente, pelo menos à primeira vista, na segunda vertente.

Em essência, as artes espaciais transformam a matéria comum em peça de maior valor; conferem nobreza à substância prosaica. Essa capacidade de transformar a matéria informe em objeto expressivo é comum a todos os indivíduos. Em sua fantasia, as crianças transmudam caixotes em caminhões ou carruagens e convertem cabos de vassoura em montarias.

Todas as pessoas nascem com essa potencialidade, é verdade. Algumas, porém, são melhor dotadas e desenvolvem o predicado congênito pelo adestramento progressivo ou pelo trabalho disciplinado. Esses indivíduos privilegiados são os *artistas*. No entanto, para que o seu trabalho adquira uma relevância maior, é preciso que ele possua, também, uma outra virtude peculiar, que é a inventividade. Então, ele será capaz de criar peças e objetos que não foram imaginados antes. De fato, o valor do artista amplia-se quando ele rasga os horizontes e desvenda novos caminhos. Picasso foi considerado o gênio do século, no campo das artes, muito mais pelas novas estradas que abriu do que mesmo pela beleza plástica das suas obras iniciais. Talvez, até, avaliadas apenas pelo deleite hedonístico que propiciavam, as telas do período azul agradassem mais do que os trabalhos revolucionários que se seguiram. No entanto, um dos mais importantes marcos da obra conjunta foi, sem dúvida, a sua capacidade de recolher as tendências de

Cézzane e, juntamente com Braque, fragmentar a figura convencional em formas geométricas, assim criando o cubismo. É bem verdade que a nova escola foi criticada fortemente e mesmo repelida no começo, principalmente entre nós, no Brasil. Somente mais tarde foi que Portinari arreventou o açude preconceituoso do figurativismo bem-comportado, e o cubismo, recriado aqui, tornou-se o ponto de partida para vários de nossos pintores contemporâneos.

Apreciado sob esse ângulo peculiar, Carybé é um artista maior, pois introduziu materiais novos em seus trabalhos e criou técnicas próprias para empregá-los. Assim, embora tenha principiado com o emprego de instrumentos tradicionais - lápis, carvão, guache, aquarela, óleo e tela - depois ele acrescentou o tijolo, o barro, o cimento - como se vê nos murais espalhados em nossa cidade; a moeda de ouro - que aparece no painel do aeroporto de Nova Iorque; o búzio, a concha, o ferro, a sucata - que decoram o admirável *Mural dos Orixás* - e até o espelho, onde Iemanjá se mira, vaidosa. Enfim, nesse particular, Carybé fez coisas que os outros não haviam feito ainda e que passaram a fazer depois.

2) *A Marca* - mas, além da capacidade inovadora, o mérito do artista também se estima através da identidade de sua obra, definida pelo marco inconfundível do talento, que permite reconhecer um quadro à distância, sem olhar-se a assinatura. Esse sinete exclusivo e típico, que *carimba* as obras-primas dos verdadeiros mestres, tem sido assinalado em uns poucos artistas. Isso ocorre, por exemplo, com o azul translúcido de Fra Angélico, ou o claro-escuro de Rembrandt; a suavidade inefável das madonas de Rafael, ou o amarelo vigoroso e torturado de Van Gogh; a atmosfera surrealista e onírica dos quadros de Dali, ou as figuras alongadas dos apóstolos de El Greco; a expressão seráfica dos santos de Giotto e a expressividade vaporosa das bailarinas de Degas.

Pois bem, sob esse aspecto, a obra de Carybé é altamente ilustrativa. Afinal, qualquer baiano vê seus desenhos e reconhece logo o autor, pois ele tem uma característica marcante: *pinta o movimento*. Seu traço cria a ilusão do deslocamento no

espaço. Assim, tem-se a impressão que, de um momento para outro, um dos seus capoeiristas vai completar o semicírculo do rabo-de-arraia que descreve no ar, ou então que a lavadeira do Abaeté, equilibrando a trouxa de roupa na cabeça, está meneando o corpo, em seu andar gracioso. Penso, mesmo, que ninguém estranharia se escutasse o tropel das cavalhadas, que disparam nas telas do pintor.

Portanto, graças a essa característica singular, a obra de Carybé, de uma certa forma, alcança também a vertente das artes temporais, que utilizam o movimento como elemento de expressão.

Acredito que essa virtude do artista deva ser atribuída à sua atividade de *chargista*, por mais de um ano exercida na imprensa do Rio de Janeiro. Essa condição, por certo, adestrou compulsoriamente o seu desenho, permitindo-lhe, com facilidade, reproduzir personagens em ação. Frequentemente, ele usa o traço interrompido para insinuar a figura, e o contorno reticente é preenchido mentalmente por nossa própria imaginação.

Aliás, essa perícia no desenho é a principal responsável pelas *cartas enigmáticas* enviadas aos amigos e ilustradas com figuras pouco ortodoxas; é, também, a grande "culpada" pelas charges traçadas nos guardanapos e fundo dos pratos, reproduzindo assuntos nada conspícuos.

3) *Conteúdo Social* - por outro lado, além dos aspectos sublinhados, a obra do grande artista deve estar sempre vinculada à comunidade que integra, refletindo os anseios, costumes, tradições e valores autênticos de sua gente. Essa inspiração amplia os méritos do autor.

A pintura mexicana moderna, por exemplo, ilustra bem essa idéia, pois se imortalizou tanto pela monumentalidade dos seus murais quanto pelo conteúdo sociológico que a impregnou.

Orozco, Diego de Rivera e Tamayo trouxeram à evolução do processo social nativo uma contribuição vigorosa e desassombrada; no país conturbado, a arte misturou-se com o patriotismo. Exemplo equivalente é o painel de Guernica, onde Picasso desenhou, com força telúrica, o grito lancinante de

uma população despedaçada.

Também sob esse aspecto, Carybé é um artista maior, pois cria e recria a Bahia em manifestações de amor à *sua* terra. Afinal, não importa muito onde ele nasceu ou *surgiu*, nem onde viveu. Dizem que ele apareceu na Argentina e foi reencontrado depois na Itália, mas, essa é matéria para a inacabada discussão entre Jorge Amado, Mirabeau, Zitelman e Celestino, que certamente jamais chegarão a acordo. Pouco importa, porque o artista é daqui. Sua obra é radicalmente baiana, no sentido etimológico do advérbio, pois ela tem as raízes mergulhadas no solo fecundo dos nossos genuínos valores culturais. O tema de seus óleos e das aquarelas é sempre a Bahia e a sua gente: Pelourinho ou Água de Meninos, jangadeiros e baianas, puxadas de rede e orixás. Deve ser justamente por essa razão que Carybé já foi sagrado ogã do Axé Opô Afonjá e consagrado há muito pelo julgamento do nosso povo.

Assim, a Universidade, plenamente integrada com a comunidade, além de enriquecer a cultura e contribuir para o seu desenvolvimento, também acolhe seus anseios e suas sentenças, homologando as justas deliberações populares. Pois agora, na presente solenidade, a Universidade retira esse irrequieto e jovem septuagenário da penumbra de simplicidade, tão do seu temperamento, para a notoriedade do triunfo, a glorificação e o aplauso de sua obra. A instituição acadêmica confirma e amplia a ovação popular. Portanto, nesta cerimônia formal, é a própria Bahia que reverencia o artista, através da voz autorizada da Escola de Belas Artes e lhe entrega este título pelas mãos categorizadas da mais representativa instituição da inteligência baiana.

E a Universidade rejubila-se com a festa. Afinal, as entidades culturais são avaliadas pelos méritos dos seus integrantes e, à luz dessa estimativa, a Universidade está engrandecida, nesta noite, com a incorporação do artista. Ele já chegou aqui trazendo um título de pós-graduação, conferido pela sabedoria do povo, que o chama de *Mestre Carybé*.

A Universidade hoje acrescenta a *láurea maior*, e então ele passará a ser, afinal e para sempre, de justiça e de direito, *Doutor Héctor Júlio Páride Bernabó*.



Composto e impresso na
Gráfica Universitária
Salvador - Bahia

